



Evento	Salão UFRGS 2020: SIC - XXXII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2020
Local	Virtual
Título	Agência indígena na segunda tomada da Colônia de Sacramento
Autor	BRUNO REIS CONTI
Orientador	EDUARDO SANTOS NEUMANN

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Prof. Orientador: Eduardo Santos Neumann

Bruno Reis Conti

Agência indígena na segunda tomada da Colônia de Sacramento

A segunda tomada da Colônia de Sacramento ocorrida em 1704-1705, contou com a participação ativa e seguramente decisiva de brigadas indígenas providas da sociedade missioneira, porém, assim como na historiografia sobre o passado colonial de forma geral ao longo dos séculos, a ação desses atores acaba sendo apagada dos livros. O presente trabalho se insere no amplo contexto de esforço de inúmeras pesquisadoras e pesquisadores que, nas últimas décadas, têm se dedicado a reescrever este passado de uma maneira mais completa, ou seja, jogando luz sobre todas as agências históricas em questão e possibilitando uma narrativa mais plural.

Nesta pesquisa, o objeto de estudo é o documento “Guarinihape tecocue - Lo que pasó en la guerra”, que é uma “memória anônima” redigida em guaraní - e posteriormente traduzida para o espanhol - sobre os acontecimentos do conflito armado que culminou na expulsão dos portugueses da Colônia de Sacramento no início do século XVIII. Há debates sobre a possível autoria da fonte: foi um texto redigido a várias mãos, sendo de autoria missioneira? (Neumann); foi escrito por um jesuíta da Redução Corpus? (Cerno); ou é de autoria indígena? (Melià)

O relato deixa evidente não só a presença numérica indígena proeminente em relação à espanhola, mas, principalmente, a agência dos primeiros, não se comportando de modo passivo e obediente como costuma ser a descrição dos povos indígenas na historiografia tradicional; muito pelo contrário: agiram liderando ações de guerra e espionagem, às vezes sem o conhecimento por parte dos espanhóis, ou mesmo contra sua vontade. As autoridades hispânicas fazem questão de estar constantemente elogiando e tratando “com honras” os indígenas, com medo de estes se retirarem do conflito - o que significaria, certamente, o fim da campanha militar -, o que configura evidência da importância da presença missioneira na guerra.